

#92

FCPF MAGAZINE

revista de acompanhamento ao jogo



JORNADA 11

FC PAÇOS DE FERREIRA X CD SANTA CLARA

SÁBADO, 18 DE NOVEMBRO 2023, 14:00

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

O sentimento de frustração estampado no rosto dos jogadores, após o empate do fim-de-semana passado na Oliveirense, é o sinal claro do espírito vitorioso em que a equipa está imbuída nesta altura do campeonato. Após três vitórias consecutivas e que permitiram uma subida promissora na classificação, os Castores só pensavam em somar mais três pontos. E tudo fizeram por isso; uma exibição consistente, oportunidades claras de golo esbarradas na felicidade do guarda-redes oliveirense, que defendeu tudo e evitou a merecida vitória pacense. A equipa apenas somou um ponto, mas juntou muitos mais na autoconfiança e valor, capacitando-se de que tem condições para vencer qualquer adversário da Liga.

Esta tarde espera-nos um adversário duro na Mata Real, não fosse o Santa Clara o atual terceiro classificado da Liga e a única equipa ainda invicta nas ligas profissionais nacionais. Mais do que intimidar os Castores, esse cartaz é o melhor pretexto que têm para entrar em campo e ganhar, com a garra e qualidade patenteadas nas partidas mais recentes. São estes jogos que podem definitivamente catapultar a equipa para os lugares cimeiros da classificação e, em comunhão com os adeptos, lutar até à exaustão pelos três pontos. Por falar em adeptos, que belo espetáculo foi dado no último jogo ao apoiarem a equipa desde o primeiro minuto e, mesmo após o apito final, ao ajudarem os atletas a levantar o ânimo pela frustração de apenas terem somado um ponto. É este o apoio que hoje, certamente, a equipa voltará a sentir na Mata Real.

O plantel do FC Paços de Ferreira é mesclado entre jovens promissores e experientes consagrados. Entre os atletas com maior currículo no plantel está Rui Fonte. O ponta de lança chegado esta temporada à Mata Real assumiu a titularidade na equipa e tem ajudado a consolidar o jogo ofensivo pacense. O seu valioso percurso desportivo, a integração na Mata Real e a experiência transmitida aos mais novos foram alguns dos temas abordados na entrevista dada à «FCPF Magazine».

A equipa de futsal começa a recuperar lugares no campeonato e saiu vitoriosa do embate na Taça de Portugal. Fazemos o primeiro balanço de uma época que se apresenta mais complicada do que a anterior.

Força Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 92 - NOVEMBRO 2023

TEXTOS: SARA ALVES | FOTOS: TELMO MENDES | DESIGN: RUI ABREU

IMPRESSÃO: PAÇOPRINT | TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

RUI FONTE

«Queremos dar o melhor pelo clube e pela cidade»

Das influências do pai e do irmão, saiu reforçada a paixão pela bola – que parecia já ter nascido com ele – e, desde cedo, o objetivo de também deixar a sua marca nos relvados tornou-se claro. Portugal, Inglaterra, Espanha, França... Na bagagem de Rui Fonte nesta viagem pelo mundo do futebol não faltam histórias para contar nem aprendizagens que procura sempre passar àqueles que vivem agora experiências semelhante às suas.

O Paços pontua há quatro jornadas consecutivas e atravessa a sua melhor fase desta época. Trabalhar sobre estes resultados tem permitido à equipa crescer e melhorar a cada jogo?

O contexto inicial não era fácil, nem para o plantel, nem para o clube, que vinha de uma época muito difícil e que levou a várias mudanças (treinador, jogadores). Claro que é sempre melhor trabalhar sobre vitórias, mas diria que foi um processo normal de crescimento e de conhecimento – ainda que seja difícil para um clube como o Paços, que há poucos anos disputava competições europeias, passar por aquelas semanas de maior dificuldade. A vitória com o Lank deu-nos o ímpeto para iniciarmos a recuperação; depois tivemos duas semanas de paragem que nos ajudaram bastante a trabalhar a ideia do mister e aquilo que ele queria para o recomeço do campeonato, e isso foi bom para todos. Também nós tivemos um bom período de reflexão sobre o que estávamos a fazer mal e o que era necessário para ganharmos jogos – principalmente na Segunda Liga, que é muito competitiva, tal como mostra a classificação atual. Agora, queremos dar continuidade a este bom momento, sabendo que vai exigir muito de nós, porque, à medida que vamos tendo melhores resultados, vai sendo cada vez mais difícil.

Apesar de um ponto fora ser sempre importante, com a Oliveirense “soube a pouco”, tendo em conta aquilo que a equipa produziu?

Principalmente pela segunda parte. A primeira foi equilibrada, com algumas aproximações de parte a parte, mas a nossa segunda parte foi de grande nível e conseguimos criar muitas oportunidades. Portanto, vendo o que fizemos e aquilo que foi o jogo, sentimos que podíamos, devíamos e merecíamos ter ganho e dado continuidade às vitórias que trazíamos dos jogos anteriores. Mas o futebol é o que é.

Quando voltam ao trabalho, analisam o jogo e veem que fizeram de tudo, como é que o grupo reage?

Acima de tudo dá-nos confiança – pela continuidade das boas exibições e por sabermos que fizemos por ganhar o jogo e merecíamos isso. Mas agora temos um desafio que vai ser muito bom, porque é contra uma equipa que está na luta pela subida e ainda não perdeu neste campeonato – e nós queremos aproximar-nos deles. Vai ser uma batalha muito difícil, frente a uma equipa com bons valores, mas nós, com a nossa capacidade de trabalho, sacrifício, humildade e responsabilidade, queremos ganhar e ser os primeiros a derrotar o Santa Clara.



Trabalho, sacrifício, humildade e responsabilidade. É isto que os adeptos podem esperar sempre?

Penso que as nossas boas exibições têm sido o reflexo disso. E, sabendo que esta é uma Liga muito competitiva, vai ter de ser assim. Podemos não ter a profundidade de qualidade no plantel, mas vai ser difícil suplantarem-nos e igualarem-nos nesse aspeto – na vontade, na atitude, na responsabilidade, na humildade de querer um bom resultado.

Como está o ambiente no grupo?

Claro que agora está melhor, pois com as vitórias é sempre mais fácil. Mas, acima de tudo, é de destacar que as vitórias que se seguiram àquela má sequência de resultados são o reflexo do bom grupo que temos. Este é um grupo muito equilibrado com muitos jovens, com experiência também, e esta fase mais positiva chegou por termos estado sempre unidos, cientes de que tínhamos de encontrar o nosso caminho. Sabemos que ao mínimo deslize tudo pode mudar, mas sabemos também para onde queremos ir – um caminho de vitórias, de pontos, que nos vai exigir muito trabalho diário para que se reflita nos jogos.

Individualmente, esta passagem pelo Paços tem correspondido às expectativas?

Em relação ao clube, ao que eu conhecia “de fora”, as expectativas corresponderam completamente – tenho colegas que já tinham cá estado, e, claro, antes de irmos para um sítio tentamos perceber como é. Em relação a mim, acredito que estou agora a aproximar-me do meu nível. Tive um período difícil na época passada com a lesão e, depois, a falta de ritmo, que se refletiu um bocadinho na minha chegada tardia à pré-época. Precisei

de um pouco mais de tempo para poder chegar ao meu nível, mas acredito que nestes últimos jogos tenho-me aproximado do que posso realmente dar. Que daqui para a frente seja com golos também.

Já passaste por vários países, por vários clubes. Aquele rapaz que começava a dar os seus primeiros passos no Sacavenense algum dia imaginou que assim fosse?

[Risos] Penso que qualquer criança nessa idade tem essa expectativa, quando projeta a sua vida e a sua profissão de sonho. Diria que não houve um dia da minha vida, enquanto fui crescendo, em que não tivesse

plena consciência de que queria ser jogador de futebol. Portanto, eu acho que é consequência do que muito se diz: nós temos de visualizar. Claro que para alguns pode não acontecer, mas viver isto desde os cinco anos até ao dia de hoje é o reflexo de acreditar e de continuar a trabalhar. Esse foi sempre o meu objetivo. É fácil dizer agora que sempre o foi, mas a verdade é que, sim, desde pequenino que eu não gostava de faltar a um treino – aliás, fazia de tudo para estar sempre presente. A minha vida foi sempre com o futebol.



E houve influências do pai [Artur Fonte] e do irmão [José Fonte].

Total. Como o meu pai também foi jogador profissional, tem sempre a sua influência. O meu irmão é seis anos mais velho, então fui crescendo a ver os jogos dele, os treinos. Lembro-me de estar à espera do meu irmão com uma bola, entrar ao intervalo dos jogos dele e ir chutar para a baliza. Isso tudo foi influenciando e, naturalmente, desde muito pequeno quis começar a jogar futebol. Mas foi um caminho natural – nunca imposto – por ser

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

algo que via diariamente.

Só não influenciaram a posição. Eles ficaram pela defesa e tu pelo ataque.

Se calhar, eles viram que era melhor mandar o mais novo para a frente. [Risos] O meu irmão começou na frente, mas acabou atrás; o meu pai é que foi sempre defesa.

Estiveste só um ano no Sacavenense e seguiu-se o Sporting. Notas-te muitas diferenças, ou quando se é tão novo isso passa um pouco ao lado?

Nessa altura não notamos tantas diferenças, só pensamos nas amizades – e até houve alguma reticência na mudança por causa disso. Porque de um lado já conhecia tudo, tinha amigos, e do outro havia o desconhecido. Mas, como crianças que somos, somos aventureiras, e eu fui nessa aventura. Mas não tinha nada a ver com condições ou com o futebol. Lembrome bem que o primeiro ano que eu tive no Sporting foi no estádio antigo, e nós tínhamos de entrar por uma porta improvisada para um balneário lá em baixo, onde era preciso tomar banho rápido, porque não havia água quente para todos. Por isso, as condições eram muito iguais. O único fator de ponderação foi as amizades.

E por lá ficaste até ires para o Arsenal [2006/2007]. Como é que isso aconteceu e como é que se lida com uma proposta dessas aos 16 anos?

Os meus pais acabaram por deixar a decisão para mim, porque também me sentiram confortável com a escolha que eu estava a fazer. Tinha começado o primeiro ano de seleção [Sub-16], e o Arsenal foi-me observando até que entrou em contacto com o meu empresário. Visitei as condições do clube, como era tudo feito, e a partir daí eles sentiram que eu estava convicto de que era aquilo que queria, e tivemos uma conversa familiar. Para os meus pais foi muito difícil, mas eles perceberam a minha vontade. Além desse meu espírito aventureiro, era o Arsenal – dois anos antes, a equipa principal tinha ficado uma época inteira sem perder e era a equipa do momento. Há uns dias estava aqui a contar que fui para lá e nem sabia quanto é que ia ganhar. [Risos] Isso ficou entre os meus pais e o meu empresário. Até porque no primeiro ano eu não tinha contrato profissional, era de

formação, e só vi quanto é que ia ganhar quando recebi efetivamente o primeiro salário. Fui sempre num espírito de descoberta, de experimentar outras coisas, o que me fez bem e me abriu algumas portas.

Um novo país, uma nova língua, um novo clube, novo futebol... Como foi a adaptação?

O método deles não é igual ao que temos aqui com as academias. Ficamos com uma família inglesa que tem de se candidatar e mostrar que tem condições e um seio familiar indicado para receber jovens de outros países e que precisam de um certo nível de atenção, de cuidado – e foi o que aconteceu. Tive muita sorte com a família que tive, porque me acolheu muito bem, a casa era excelente, e foi muito fácil, porque, como disse anteriormente, fui num espírito aventureiro. Fui para lá e disse “Só quero um telemóvel e um computador portátil, para estar em contacto com os meus pais”. Foi excelente. O futebol era diferente... Também pensava que falava inglês, mas depois descobri que não. [Risos] No primeiro ano, tive aulas de inglês sempre, o que facilitou bastante, e ao fim de seis meses já conseguia comunicar muito bem. E no Arsenal sim, já notei diferenças em relação às condições que tinha cá. Mas foi uma ótima experiência, porque, como tive de ir sozinho, moldou-me e fez-me crescer mais rapidamente, em relação a outros jovens da mesma idade. Passei por coisas sozinho que, se calhar, teriam sido diferentes com a minha família presente, mas que me ajudaram bastante até hoje. Agora, consigo olhar para trás e ajudar colegas estrangeiros, pois tenho uma perceção daquilo pelo que estão a passar. E é enriquecedor ajudar os outros.

Ficar com uma família, e não numa academia, acaba por ser preferível?

Na integração sim, até mesmo pela comunicação, porque eu tinha de comunicar em inglês obrigatoriamente. Mas diria que nunca há uma solução perfeita, pois também depende do feito do jogador, dos seus hábitos... Se for um jogador que tem menos juízo, é melhor ficar nos centros de estágio. [Risos] No meu caso, eu era muito tranquilo e pouco saía, ficava mais em casa com a família, e foi bom, porque me fui integrando e percebendo como as coisas funcionavam. Não há uma solução



perfeita, mas o ideal é haver um equilíbrio – como um centro de estágios perto do centro urbano para também haver essa liberdade para conhecerem e experienciarem a cidade onde estão. Há centros de estágio que são mais afastados e há pouca possibilidade de o jogador sair de lá e, então, ficam 24h sobre 24h na academia, o que acaba por ser negativo.

O teu irmão também foi para Inglaterra [Crystal Palace] pouco depois.

Sim. Entretanto, tirei a carta e até certa altura ia para casa dele muitas vezes, continuando a ter acesso à casa onde estava. Apesar de ser na mesma cidade, ficávamos a 1h15 de distância, então eu acabava sempre por ficar na casa da família dois ou três dias antes do jogo, para descansar corretamente. Mais para a frente é que fiquei de forma permanente na casa do meu irmão. Nos meus últimos seis meses em Inglaterra, fui emprestado ao Crystal Palace e ficamos a jogar no mesmo sítio e a viver juntos. Mas a vinda dele ajudou bastante. Se estivesse num dia menos bom, pegava no carro e ia ter com ele. Quando somos tão jovens, vivemos as coisas um bocadinho mais intensamente, então, ter o apoio dele foi excelente.

E como é jogar com o irmão na mesma equipa?

Nós jogamos juntos em dois períodos diferentes: no Crystal Palace e no Lille. O segundo foi, sem dúvida, melhor do que o primeiro. Como ele era mais velho e eu mais novo e não percebia tão bem as coisas, eu estava sempre preocupado com o meu irmão, ele estava sempre preocupado comigo, e às vezes desfocávamos um bocadinho do que era o nosso jogo. Havia uma preocupação natural que eu tinha em relação ao meu irmão, pois queria que ele se saísse bem, e que ele tinha comigo por eu ser mais novo, ainda não ter idade sénior e já andar num campeonato muito competitivo como era o Championship. Mas na segunda experiência desfrutamos muito mais. Claro que havia os reparos normais de um colega de equipa, mas ele já não estava preocupado com o irmão mais novo, nem eu estava preocupado com o facto de ele estar num campeonato estrangeiro, onde eu queria que tivesse sucesso e corresse tudo bem. Foi completamente diferente.

Mas antes da ida para o Crystal Palace, cumpriste a tua estreia na equipa principal do Arsenal. Que memórias tens desse jogo com o Wigan Athletic?

Lembro-me de quase tudo. Eram as primeiras eliminatórias da Taça da Liga e, por norma, as equipas davam oportunidade aos mais jovens e aos jogadores menos utilizados. Lembro-me de estar a aquecer já naquela de “não vou entrar”, até que o Carlos Vela fez sinal ao mister de que estava cansado. Mal o mister me chamou, até confirmei se era eu e fui a correr. [Risos] Tinha o meu irmão e mais uns amigos no estádio e foi excelente. Tinha 17 anos e foi o culminar do objetivo, que era estreiar-me pela equipa principal. Claro que o ideal seria ter ficado lá, mas poder estreiar-me pela equipa principal

100metros

do Arsenal e como profissional foi uma experiência única, num estádio espetacular, numa equipa conhecida mundialmente.

Em 2009/2010, regressas a Portugal e vais para o Vitória FC. Houve uma sensação “agrídoce” por voltares para cá e não teres continuado em Inglaterra?

Não. A partir de certa altura, percebi que seria difícil continuar. Eles pagaram pelo empréstimo de três anos, mas depois tinham de pagar outra quantia um pouco mais avultada. E eu também entendi – pelo que tinha feito – que seria difícil para o clube. Acredito que se fosse um valor inferior pudesse ter ficado. Depois, como tinha contrato com o Sporting também foi natural que o Sporting tivesse algumas reservas em integrar-me na equipa principal – não havia equipa B –, por isso foi um processo natural. Apesar de ter participado pouco, foi uma fase de aprendizagem e crescimento, porque era a minha primeira equipa profissional sénior, e foi uma experiência espetacular. Ainda tenho alguns amigos dessa altura. Não foi uma experiência tão boa a nível desportivo, porque joguei pouco, mas foi enriquecedora para perceber o que é um balneário e as diferentes personalidades dos jogadores mais velhos – porque no Arsenal eu não jogava com jogadores mais velhos diariamente, fui sempre lidando com colegas da minha idade.

Segue-se o Espanyol. Primeiro na equipa B, depois na equipa principal, na La Liga.

Precisava de arriscar. Tinha a consciência de que tinha

de jogar e provar que tinha qualidade para continuar ao mais alto nível. Fui para a equipa B, que estava na terceira divisão espanhola, mas tive a sorte de encontrar um treinador que engraçou bastante comigo e admirava as minhas qualidades. Era o Pochettino. Fui fazer a pré-época com a equipa B a Andorra, e a equipa principal tinha um jogo no dia a seguir ao nosso regresso com a Sampdoria. Havia alguns atletas que estavam com fadiga, outros lesionados, e precisavam de dois ou três jogadores. E foi daquelas coisas do destino: o colega que era suposto ir tinha dito nessa manhã que estava cansado, então o treinador escolheu-me a mim. Entrei nesse jogo, o mister Pochettino gostou bastante e acabei por fazer a maior parte da pré-temporada já com a equipa principal. Ia treinando com eles e jogando com a equipa B, até que ele achou que fazia sentido ficar em definitivo na equipa principal. Foi uma experiência muito boa, desafiante, onde apanhei campos muito difíceis e uma realidade diferente da que estava habituado. O risco foi compensado, porque encontrei alguém que acreditava realmente em mim. Olhando para trás, ele acreditava mais em mim do que eu próprio. [Risos]

Wenger, Pochettino... Quem foi mais marcante?

Até essa altura, o Pochettino, porque foi aquele que acreditou realmente em mim e dizia-me isso mesmo. Sem dúvida que foi ele que me ajudou e impulsionou para que eu tivesse uma carreira a sério – pois podia ter tomado outro rumo se não o tivesse encontrado ali; podia ter ido para a equipa B e por lá ter ficado. Tenho de lhe agradecer e reconheço que ele me ajudou bastante.



INTERESTORE

Ficas lá duas épocas e meia e vem um novo período em Portugal: Benfica, Belenenses, Braga (onde ganhas a Taça de Portugal).

Há dois lados do Pochettino: ele acreditava muito em mim, mas acreditava em mim numa posição em que eu não me via a jogar – a extremo. Mas ele acreditava verdadeiramente, e eu joguei muitos jogos assim. Só que, entretanto, ele sai e vem um novo treinador, a quem eu disse que não me sentia confortável naquela posição, e ele explicou que na posição em que eu queria jogar ia ter poucos minutos. Como também estava a acabar o meu contrato e estava a passar por uma fase difícil a nível familiar, a solução encontrada mais uma vez foi arriscar, vir para a equipa B do Benfica e provar novamente que podia jogar ao mais alto nível. No regresso, tive a infelicidade de me lesionar no primeiro jogo e fiquei 15 meses parado. Mas acredito que também foi bom. Uma vez que vinha desse período difícil em que jogava fora da minha posição, e as coisas não corriam bem do lado familiar, esses meses parado deram para refletir, assentar as ideias, e a partir daí orgulho-me da carreira que fiz. Também me orgulho do que fiz para trás, mas a partir daí principalmente, porque as coisas foram correndo sempre bem, tanto individual como coletivamente.

Depois desses anos, surge o interesse do Fulham. Contavas voltar ao futebol inglês, na altura?

Tinha essa expectativa, porque a época anterior à transferência tinha sido boa a nível individual. Não esperava sair logo depois de uma boa época, mas acreditava que dar-lhe continuidade podia resultar numa transferência, pois qualquer equipa quer golos e, sendo eu avançado e marcando-os, havia de surgir o interesse. Não era uma obsessão, mas sabia que podia acontecer. Então, foi algo que se proporcionou, para um clube que tinha o objetivo de subir à Premier League, além da vantagem financeira – muito maior face à que eu tinha cá. Por isso fez todo o sentido, e nessa época conseguimos subir à primeira divisão, o que mostrou ter sido uma aposta ganha.

Houve ainda Lille, regresso a Braga, Estoril, Famalicão e eis que chega o Paços. Porquê o Paços?

Principalmente, por conhecer o clube, pela ambição que tem e pelo objetivo pessoal de poder devolver o Paços à divisão principal. Eu vejo o Paços como um clube de primeira divisão, e pela sua história, pela fama que tem de ser cumpridor, pelas pessoas sérias, pela cidade que está com o clube, também senti essa obrigação. Além disto, também queria ficar aqui no Norte, perto da minha família. Havia outras possibilidades, mas o Paços apareceu como a ideal. E analisando o que é o Paços, vai ao encontro do que disse antes: também quero ter essa possibilidade de poder subir com o Paços e devolvê-lo ao lugar que merece, principalmente pela história e pelo legado que tem na Primeira Liga. É um objetivo difícil em relação a outros clubes que têm mais vantagens seja a nível económico, seja a nível de plantel, mas eu acho que o sonho e a vontade de o poder atingir ninguém nos pode roubar, e vamos trabalhar por ele.

Mensagem para os adeptos.

Que acreditem em nós e que estejam connosco, pois penso que temos provado que somos uma equipa de trabalho, uma equipa humilde, que quer dar o melhor pelo clube e pela cidade.



d DIVERCOL®



6 DE NOVEMBRO DE 1893: DIA DO CONCELHO DE PAÇOS DE FERREIRA

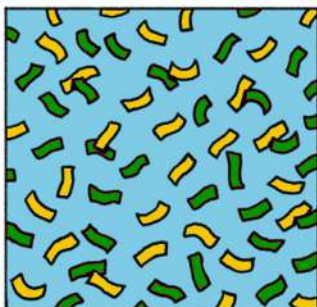
O concelho de Paços de Ferreira comemorou a 6 de novembro o seu 187º aniversário. Uma vez que o jogo do FC Paços de Ferreira com o Académico de Viseu FC aconteceu nesse mesmo dia, o clube não deixou passar a data em branco e fez com que as freguesias do município “desfilassem” no relvado, antes do apito inicial.

O Futebol Clube de Paços de Ferreira agradece a participação das Juntas de Freguesia nesta iniciativa e reforça, uma vez mais, o seu orgulho por fazer parte deste concelho.



Tintinhas®

ANTEVISÃO



O empate do FC Paços de Ferreira com a UD Oliveirense acabou por “saber a pouco”, considerando a exibição da equipa e as oportunidades criadas. Contudo, os Castores atravessam a sua melhor fase na prova, pontuando há quatro jogos consecutivos, e o objetivo é claro: acrescentar mais três na difícil receção ao CD Santa Clara.

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

16 JOGOS OFICIAIS

8
VITÓRIAS FCFP

4
EMPATES

4
VITÓRIAS CDSC

21

GOLOS

18

SABIAS QUE...

Na temporada 21/22, Paços e Santa Clara foram os estreantes portugueses naquela que era a mais recente competição de clubes criada pela UEFA – a Conference League. Os açorianos entraram na segunda eliminatória da prova, e defrontaram o FC Shkupi, o Olimpija Ljubljana e o FK Partizan. Cairam frente a estes últimos, no play-off – na mesma fase em que os Castores foram eliminados pelo Tottenham Hotspur. Esta foi mesmo a estreia do CD Santa Clara nas “lides” europeias.



SOLVERDE.PT

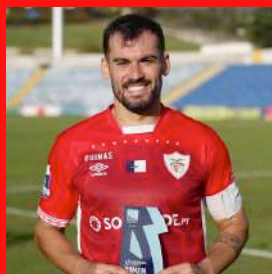
CD SANTA CLARA

FUNDADO EM 31 DE JANEIRO 1921 | ESTÁDIO DE SÃO MIGUEL - 10000 LUGARES

PRESIDENTE SAD: BRUNO VICINTIN | TREINADOR: VASCO MATOS

O CD Santa Clara surgiu com o propósito de unir a história dos dois “Santa Clara” já existentes naquela altura: o Santa Clara Foot-ball Club e o Clube Desportivo Santa Clara. É o clube mais representativo dos Açores, no que diz respeito ao futebol profissional, tendo chegado ao escalão máximo do futebol português pela primeira vez em 1999/2000.

3 ADVERSÁRIOS EM DESTAQUE



Um velho conhecido dos Castores, **PAULO HENRIQUE** tem sido um dos responsáveis pelos poucos golos que o Santa Clara sofreu. E já ajudou no ataque, apontando três golos esta temporada.



Quase 10 épocas após representar os Juniores do FC Paços de Ferreira, **BRUNO ALMEIDA** brilha agora no Santa Clara. 5 golos e excelentes exibições fazem dele figura de proa do nosso adversário.



Depois da excelente temporada ao serviço da Oliveirense, **SERGINHO** continua a mostrar a sua qualidade no meio campo do Santa Clara, tendo já contribuído com dois golos.

ÚLTIMO JOGO DO SANTA CLARA

Na última jornada, o CD Santa Clara conquistou um importante triunfo em casa, frente ao atual líder do campeonato, o AVS. O conjunto da Vila das Aves foi o primeiro a abrir o marcador, por intermédio de Nenê, mas já na reta final começou a compor-se a reviravolta açoriana: primeiro através de Luís Rocha, aos 83', e depois por Rafael Martins, aos 90+5'. Com este resultado, o emblema de Ponta Delgada reduziu para dois pontos a distância para o primeiro lugar, e continua a ser a única equipa da Segunda Liga que ainda não sofreu qualquer derrota nesta temporada.

FORMA ATUAL



SOLVERDE.PT

DO PLANTEL REFORÇADO À VITÓRIA NA TAÇA

O primeiro jogo na presente edição da Taça de Portugal terminou com um sentimento de missão cumprida e ficou também marcado pela estreia do novo reforço do FC Paços de Ferreira Redifogo Futsal, Paulo Ferreira.

Depois de ter vencido (8-6) o Arsenal Clube da Maia em casa, para o campeonato da II Divisão Nacional, o FC Paços de Ferreira Redifogo Futsal voltou a encontrar a equipa maiata na semana seguinte, em jogo a contar para a segunda eliminatória da Taça de Portugal. Na antevisão ao encontro, os objetivos relativos a esta competição foram lançados pelo treinador-adjunto André Silva: “O nome ‘Paços’ fala por si. É um clube grande e queremos sempre ir mais além – e ir mais além é entrar sempre para ganhar. Queremos ir o mais longe possível e trazer cá uma grande equipa da Liga Placard”.

O primeiro passo foi dado e o passaporte para a fase seguinte da prova foi carimbado, após novo triunfo (2-4). João Vigário colocou o Paços em vantagem até ao intervalo, e na primeira metade do segundo tempo o Arsenal ainda conseguiu dar a volta ao resultado. Contudo, André Cardoso, Paulo Ferreira e Fábio Coelho acabaram por sentenciar a partida a favor dos Castores.



noxæe



Paulo Ferreira

FAZ PRIMEIRO JOGO E PRIMEIRO GOLO

Além de esta partida assinalar a primeira sequência de duas vitórias consecutivas do FC Paços de Ferreira Redifogo Futsal nesta temporada, marcou também a estreia do mais recente reforço, Paulo Ferreira. “A adaptação ainda está a acontecer. Antes do jogo, tive apenas dois treinos com o plantel, e o conhecimento mútuo só se irá aperfeiçoar com o passar do tempo. No entanto, acabamos por ter uma vitória em casa do Arsenal da Maia que nos garantiu a passagem à próxima eliminatória da Taça de Portugal, e consegui marcar – coisa que sabe sempre bem. Espero poder contribuir com mais golos nos próximos jogos”, afirmou.

O fixo de 38 anos tem já uma vasta experiência no futsal, tanto a nível nacional como internacional. Em Portugal, representou SC Coimbrões, Modicus, Viseu 2001, Operário, AR Freixo, FC Azeméis, CR Candoso, Póvoa Futsal Clube e CD Póvoa, e além-fronteiras jogou na Roménia, Espanha, França, República Checa e Eslovénia. Além disso, Paulo Ferreira é internacional pela seleção romena, registando um total de 55 partidas. Em outubro, esteve a disputar o apuramento para o Mundial de 2024, e marcou no triunfo frente aos Países Baixos.

A oportunidade de “ficar perto da família” revelou-se um forte motivo para aceitar este novo desafio na Capital do Móvel, mas não só: “Ter o diretor Carneiro e o mister Canavarro como amigos há já alguns anos foi preponderante para que ficasse mais perto de vestir a camisola amarela. Além disso, o Paços de Ferreira é um ‘clube de camisola’ como costumamos dizer no futsal, e tudo isto pesou na decisão final”.

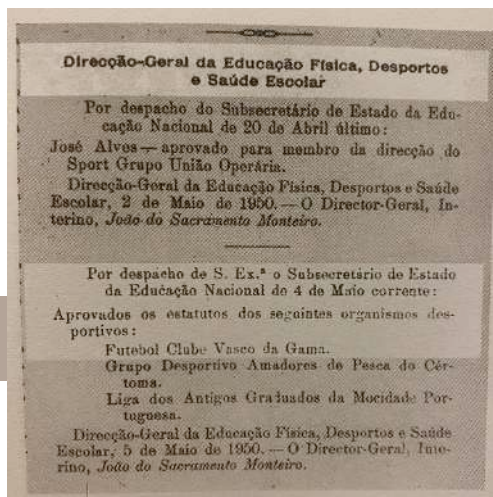
Na presente temporada, Paulo Ferreira já vestiu as cores do CD Póvoa, também da II Divisão Nacional, clube pelo qual fez quatro jogos e apontou dois golos. Agora, novos objetivos estão traçados. “Nesta primeira fase, espero que consigamos a melhor posição possível na tabela, e depois temos de preparar da melhor forma a fase seguinte. Quero também que cheguemos longe na Taça de Portugal – se possível à final eight, pois a visibilidade e a competitividade são de outro nível, e nós temos de ambicionar esses palcos”, reforça.

Nesta caminhada, Paulo Ferreira espera que o público pacense apareça em força no pavilhão “para apoiar a modalidade e torná-la mais forte e mais especial na cidade de Paços Ferreira”.



A 19 de novembro de 1950, o Futebol Clube Vasco da Gama estreava-se oficialmente. Eram tempos de muita rivalidade entre as terras mais próximas e de muita paixão pela bola – pelo que, apesar de ser um futebol amador, a entrega em campo pela vitória era de verdadeiros profissionais. Os pacenses saíram vencedores do seu primeiro jogo oficial, e muitos outros triunfos se seguiram.

A fundação já tinha acontecido a 5 de abril; o terreno do Campo da Cavada, endireitado graças à preciosa ajuda de carros de bois guiados à luz de gambiarras, foi apresentado no dia 10 de abril; os primeiros estatutos já haviam sido aprovados a 4 de maio e a equipa tinha passado os meses seguintes a dar continuidade à preparação para o arranque oficial com vários jogos amigáveis frente a clubes vizinhos. Estava quase.



A Direção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar publicou a 5 de maio de 1950 a aprovação dos estatutos do Futebol Clube Vasco da Gama.

Concretizada a inscrição no Campeonato Regional de 1950/1951 – mais concretamente, no Campeonato Distrital da III Divisão –, ditou o sorteio que o “Vasquinho” ficasse inserido na Série C da prova organizada pela AF Porto, juntamente com Rebordões, União de Paredes, Escamarão, Vila Meã, Amarante e Tapada – que viria a ser o primeiro adversário. No dia 19 de novembro de 1950, equipados de camisola

amarela, calções azuis e meias azuis e amarelas, os vascaínos rumaram, então, ao concelho de Lousada com a ambição de conquistarem a vitória. Viria a confirmar-se que a entrada nas competições oficiais foi feita com o pé direito, mas da entrada no jogo não se pôde dizer o mesmo, uma vez que o FC Vasco da Gama sofreu um golo logo a abrir. A igualdade no marcador foi reposta pouco depois, fazendo justiça à partida equilibrada à qual se assistia, e ainda antes do intervalo o guarda-redes pacense foi posto à prova graças a uma grande penalidade que acabaria por defender. Tal momento parece ter reforçado ainda mais o desejo de vencer, e, na segunda parte, o emblema de Paços de Ferreira confirmou mesmo a reviravolta com “um excelente pontapé de Agostinho Alves a mais de 20 metros da baliza”. Com o 1-2 na mão, a equipa prontificou-se a defender o resultado de toda as formas possíveis. Conseguiu-o e, assim, entrou para a história como a autora do primeiro triunfo oficial do clube.



AGOSTINHO ALVES - O HERÓI DA PRIMEIRA VITÓRIA

Leão (guarda-redes), Alberto, Abel, Amaro (defesas), Teixeira, Valente, Malheiro (médios), Baptista, Costa (interiores), Agostinho Alves, Moreira e Lopes (avançados) compunham o plantel do FC Vasco da Gama. Por sua vez, a direção reunia Casimiro Martins, José Leão Ribeiro, Miguel Carneiro Pinto, Francisco Lopes, António Lopes e mais dois escuteiros residentes no Porto.

Neste primeiro Campeonato Distrital da III Divisão da década de 50, a AF Porto definiu que os jogos regionais da temporada 1950/1951 tinham um custo e 5\$ para homens e de 2\$50 para mulheres - o equivalente a 0,024€ e 0,012€, respetivamente.



Cartão de atleta de Joaquim Malheiro, um dos pioneiros do FC Vasco da Gama



MOVEMBER® FOUNDATION

De bigode pela saúde masculina

Dois amigos, um bar e uma conversa na qual concluíram que o bigode, que fora icónico em décadas anteriores, já não fazia parte das tendências. Estávamos na Austrália, em 2003. Ora, inspirados pela mãe de um amigo que arrecadava fundos para o combate ao cancro da mama, Travis Garone e Luke Slattery decidiram fazer também uma campanha focada na saúde masculina e no cancro da próstata: a cada pessoa que deixasse o bigode crescer, cobravam dez dólares. A missão foi bem-sucedida, a causa foi formalizada em 2004 e o seu crescimento foi notório desde então.

O Movember – Mo (moustache = bigode) + vember (november = novembro) – é agora um movimento à escala global que alerta para problemas de saúde nos homens, como os cancros da próstata e dos testículos, para a importância da saúde mental e para a prevenção do suicídio. Desmistificar tabus e preconceitos e sensibilizar a população para a importância da realização de rastreios precoces, é, por isso, fundamental – e a forma escolhida para transmitir a mensagem passa por desafiar os homens a deixarem crescer o bigode durante o mês de novembro. Com os fundos angariados pela Movember Foundation, que atua durante todo o ano, já mais de 1250 projetos ligados à saúde masculina foram financiados em todo o mundo.

FACTOS (POR EX. MOVEMBER.COM)

- Em todo o mundo, mais de 1,4 milhões de homens foram diagnosticados com cancro da próstata, no ano 2020.
- Na maioria dos casos (mais de 95%), o diagnóstico de cancro dos testículos tem tratamento e um bom prognóstico.
- Um homem morre a cada minuto por suicídio. Muitos homens, independentemente da faixa etária, não reconhecem quando estão a enfrentar um problema de saúde mental e não se sentem confortáveis para pedir ajuda – muitas vezes, devido a ideias estereotipadas.

À CONVERSA COM DR. ANDRÉ MAIA SILVA

A importância das consultas de rotina e dos rastreios

As pessoas devem ter conhecimento daquilo que as deve alertar, mas não são médicas. É nas consultas de rotina que se fazem os rastreios, e os utentes podem e devem falar sobre eles com o médico de família. No caso do cancro da próstata, a indicação é que os homens entre os 50 e os 70 anos devem fazer o rastreio anualmente.

O diagnóstico precoce é fundamental

O cancro da próstata é uma doença muito insidiosa, de progressão lenta, e muitas vezes não apresenta logo sintomas. O rastreio precoce permite identificar situações e iniciar um acompanhamento para que, assim que haja

indicação para alguma intervenção, ela seja feita o mais cedo possível. Havendo tratamentos, um diagnóstico precoce possibilita que eles causem menos efeitos adversos e aumenta a probabilidade de sobrevivência.

franciscoj.dias
mobiliário

Estar atento aos sinais

No caso do cancro da próstata, a maior preocupação é mesmo o rastreio, pois, quando aparecem sintomas, estes já são potencialmente mais graves e de fases muito avançadas. No caso do cancro testicular, é particularmente importante que o homem faça a palpação com alguma regularidade, e se identificar algum nódulo ou alguma situação diferente do habitual, deve procurar ajuda médica.

É preciso eliminar tabus ainda existentes

Problemas de saúde mental são muitas vezes vistos nos homens como fraquezas, e isso contribui para que a percentagem de suicídios associados a doença mental seja superior no sexo masculino. Porquê? Pela vergonha de assumir. No caso das neoplasias da próstata, por exemplo, o toque retal por vezes acaba por ser mal-aceite pelo homem, porque há crenças e ideias infundadas, mesquinhas, de que isso possa mexer com a masculinidade. Por terem medo de o fazer, têm medo de falar e procurar ajuda nesse sentido – o que é um grave problema, pois pode levar a diagnósticos tardios.

Não há espaço para julgamentos

Somos profissionais, estamos habituados a lidar com todo o tipo de situações, e o paciente nunca vai ficar embaraçado na consulta, levante o tema que levantar. Vai ser ajudado da melhor forma possível e tendo em consideração as orientações clínicas.

Aquilo que parece mais óbvio nem sempre é o que está lá

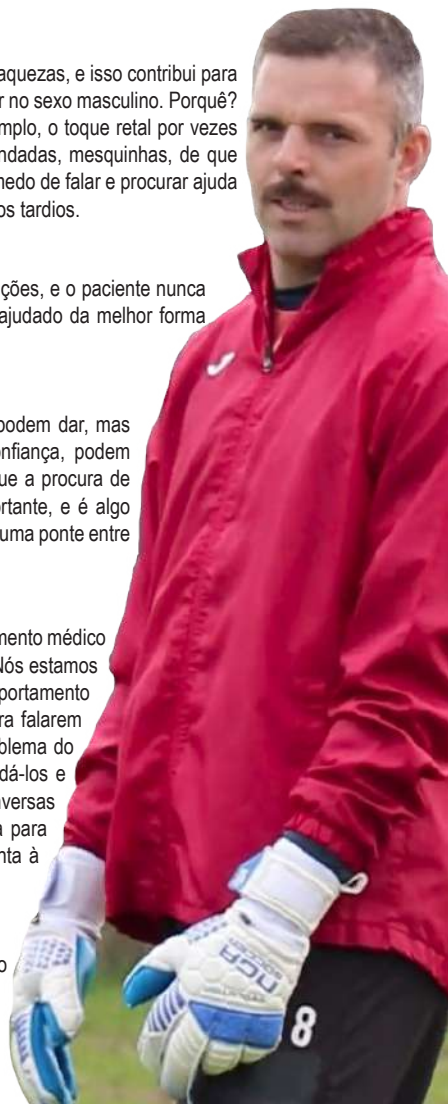
Devemos estar sempre atentos aos sinais que as outras pessoas nos podem dar, mas nem sempre tudo é óbvio. Os familiares e amigos, por serem de confiança, podem ajudar a orientar determinadas situações, mas é preciso ter noção de que a procura de um profissional da área (psicólogo ou psiquiatra) é extremamente importante, e é algo perfeitamente normal e confidencial. O próprio médico de família pode ser uma ponte entre o utente e esses profissionais.

A saúde mental no futebol

Fazemos com que haja sempre uma relação de confiança entre o departamento médico e os atletas, deixando-os à vontade para falarem daquilo que precisam. Nós estamos com eles no dia a dia e também podemos identificar mudanças de comportamento ou situações que nos alertem, procurando dar-lhes apoio e abertura para falarem connosco, para depois os orientarmos no sentido de resolver algum problema do foro psicológico. As conversas são confidenciais e o único intuito é ajudá-los e fazer com que se sintam melhor. Por vezes, tomo as rédeas de certas conversas e abordo os assuntos logo com naturalidade, dando liberdade ao atleta para que, depois de eu falar desses assuntos mais delicados, também se sinta à vontade para o fazer.

Que nunca falte o exercício físico

O exercício melhora a condição física, diminui a obesidade, ajuda no controlo do tabagismo, e, por si só, diminui a incidência de cancro e melhora os problemas relacionados com a saúde mental. Por isso, recomendo que façam exercício físico de acordo com as vossas capacidades e gostos.



Joma

ÚLTIMO JOGO

LIGA PORTUGAL 2

9.ª JORNADA



UD OLIVEIRENSE

Nuno Macedo, G. Negrão (59' Jaime Pinto), Iago, Kelechi, Vasco Gadelho, Zé Leite (60' Carter), Filipe Alves (87' João Paulo), Guirassy, Duarte Duarte (60' Casimiro) Zé Pedro (78' Schurrle) e Schutte.



FC PAÇOS DE FERREIRA

Marafona, Aldair, Ganchas, Erick, Antunes, Gorby, Matchoi (85' Welton Jr.), Luiz Carlos, Costinha (59' Cipenga), Luis Bastos (59' Uilton) e Rui Fonte (89' Moreno).

FCPF SIDELINE

VÊ O QUE A LENTE DA FCPFTV
CAPTOU NESTE ENCONTRO





DEFENDE O AMARELO
19